

JORNAL: Última Hora LOCAL: Quomabara

DATA: 12/07/1955 AUTOR: Vera

TÍTULO: Brancleta — Milton Da Costa

ASSUNTO: Da Costa elegia Ivan e outros e comenta o

Bênis de Melhor Pintor Nacional da III Bienal de SP.



BRANCLETA

MILTON DA COSTA

Milton da Costa foi o grande prêmio nacional de pintura. Como todos sabem, era natural que recebesse os parabéns daqueles que acompanharam sua evolução artística até a presente etapa de consagração pública: a do melhor pintor nacional da terceira bienal, consagração esta baseada no critério de um júri severo e competente e ainda mais internacional.

— x —

Em São Paulo, em visita de congratulações ao artista na simpática e hospitaleira residência: Rua Groelândia 1943, que tem ainda a vantagem de estar perto do Parque Ibirapuera, logo da Bienal, pareceu-me oportuno além dos parabéns, de fazer algumas perguntas ao artista premiado. A primeira naturalmente se referiu a reação do pintor com o resultado do júri de premiação que considerou-o o "melhor pintor nacional". Milton afirmou ter tido uma certa surpresa, julgava que o prêmio fosse concedido a Pancetti e Serpa. A conversa continuou abordando diversos tópicos "O que acha você da terceira Bienal?" perguntei ao artista.

"O nosso nível sobretudo melhorou consideravelmente não só a seleção foi mais rigorosa, como também a colocação mais feliz. Os brasileiros estão em destaque.

Entre os brasileiros Milton referiu-se a importância dos trabalhos enviados por Portinari, Segall, e Serpa.

Com relação a representação estrangeira o que preferiu?

O pintor respondeu: "As salas da Itália e da França. O Japão sobretudo as gravuras, e a importante retrospectiva de Sophia Tauber Arp. Uma pergunta se impunha a de saber o que pretendia fazer agora o artista.

"Naturalmente que meus planos se resumem em um só:

Trabalhar, e melhorar a produção, minha responsabilidade como artista sempre pareceu-me séria, agora ainda mais.

No Rio pretendo expor dentro de alguns meses".

Sobre a arte figurativa e não figurativa conversamos longamente.

A opinião de Milton, é que só existe boa e má pintura e que o resto não tem importância.

"No momento há muita confusão de escolas e grupos só o resultado porém conta".

Não houve jeito que o pintor ghesse alguma coisa sobre os colegas de profissão.

— "Não gosto de dar opinião, sobre o trabalho dos outros, a gente quando pinta é que sabe como é difícil" — afirmou categoricamente o artista.

Um cafêzinho oportunamente providenciado interrompeu a conversa. Milton pareceu-me de repente mais velho do que é, muitas recordações tornaram-se presentes assim foi que falou-me do tempo que traba-

lhava no porão da Escola de Belas Artes, de seus antigos companheiros: Pancetti, Sigaud, Bustamante Sá, numa exposição em Belo Horizonte em 1943 que fez com Santa Rosa, Moraes e outros e do seu quadro que foi ali navalhado, intitulado: "No estúdio".

De tudo só ficou uma fotografia, que o artista mostrou-me: composição segura, um grupo de manequins de pau, diante de uma janela, lá fora uma paisagem urbana com arranha-céus, esta paisagem que agora

tornou-se muito mais despojada e bem mais geométrica em suas telas.

Milton falou-me ainda de seus antigos professores: Marques Júnior, Bruno Lechowsky mas disse ter trabalhado muito mais sozinho. O tempo corria, despedimo-nos marcando encontro mais tarde na bienal que entrava necessariamente como fazendo parte do compromisso mais importante do programa diário de todos nós.

VERA

MILTON DA COSTA

1930 — Ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, frequentando-a até 1933.

1933 — Fundou, com outros artistas, o "Núcleo Bernardelli", associação livre de Arte.

1936 — Recebeu "Menção Honrosa" no Salão Nacional de Belas Artes.

1938 — Medalha de bronze no mesmo Salão.

1941 — Medalha de prata na Divisão de Arte Moderna do referido Salão com o quadro "Ciclistas".

1944 — Conquistou o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro na Divisão de Arte Moderna do Salão Nacional de Belas Artes com o quadro "Cena de Atelier".

1945 — Seguiu para os Estados Unidos, onde passou oito meses visitando Museus e em contato com o meio artístico americano.

1946 — Viajou para a Europa, visitando Portugal e Espanha, França, Inglaterra, Holanda, Bélgica e Itália, permanecendo mais tempo em Paris.

1947 — Volta para o Brasil.

1948 — É eleito membro do Júri do Salão Nacional de Belas Artes.

1950 — Foi um dos oito pintores escolhidos para representar o Brasil na XXV Biennale di Venezia.

1951 — Participou da 1.ª Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

1951 — 1.º Prêmio do 1.º Salão Paulista de Arte Moderna.

1952 — Volta da Europa onde esteve um ano e meio visitando Museus e viajando.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1936 — Galeria Santo Antônio — Rio de Janeiro (abril).

1937 — Galeria Santo Antônio — Rio de Janeiro (março).

1945 — Instituto de Arquitetos do Brasil, patrocinada pelo Instituto Brasil-Estados Unidos — Rio de Janeiro.

1949 — Desenhos e guaches na Livraria Jaraguá — São Paulo (março).

1950 — Ministério da Educação e Saúde, patrocinada pelo mesmo Ministério (novembro).

1951 — Galeria Domus — São Paulo (junho).

1951 — Galeria de Arte Ambiente — São Paulo (dezembro-janeiro de 1952).

1954 — Exposição Guaches na Galeria Tenreiro.

1955 — 3.ª Bienal de São Paulo, Prêmio Melhor Pintor Nacional.